

O FENÔMENO DA COTEMPORALIDADE E SUA CODIFICAÇÃO LINGÜÍSTICA NO TEXTO ESCRITO

Bernardete Biasi Rodrigues*

Resumo:

Estudo exploratório das marcas lingüísticas que codificam o fenômeno da cotemporalidade na linearidade do texto, com o objetivo de identificar tipos de ocorrência ou subcategorias.

Palavras-chave: cotemporalidade; simultaneidade; seqüencialidade.

1. APRESENTAÇÃO

Algumas abordagens de que se tem conhecimento sobre o fenômeno da cotemporalidade de ações/estados denotam, em geral, uma certa tranqüilidade e, às vezes, até ingenuidade, principalmente ao se referirem à simultaneidade em oposição à seqüencialidade, tomadas como critérios para diferenciar o gênero descritivo do narrativo. E a noção de simultaneidade apresenta-se, comumente, atrelada ao tempo da enunciação e não na perspectiva da sobreposição de ações e/ou estados, total ou parcialmente, na cadeia temporal. Essas duas versões de simultaneidade por si só já apontam duas subcategorias de análise: uma, definida pela relação cotemporal de ações/estados com o momento da enunciação; outra, em termos de sobreposição efetiva de ações/estados no tempo cronológico, independentemente do tempo da enunciação.

Em vista disso, a minha reflexão sobre cotemporalidade tem por objetivo tentar delinear os contornos do fenômeno e levantar algumas modalidades em que se manifesta temporal e lingüisticamente, partindo das seguintes hipóteses:

1- A cotemporalidade é codificada lingüisticamente pelos traços verbais de tempo e aspecto, em geral ancorados por outros marcadores lingüísticos de tempo.

2 - A cotemporalidade se manifesta no mínimo em dois níveis, por sobreposição total e parcial de ações/estados.

2. REFLEXÃO PRELIMINAR

A definição dos gêneros descritivo e narrativo comumente aponta como característica do primeiro a simultaneidade e do segundo a não-simultaneidade, embora a apresentação lingüística seja indiscutivelmente linear, o que, no mínimo, dificulta a codificação de qualquer tipo de simultaneidade. A começar pelas descrições, os detalhes captados durante a observação de um objeto por um sujeito apresentam-se, no texto escrito, dispostos linearmente de acordo com a relevância que esse sujeito atribui a cada detalhe ou segundo o trajeto percorrido pelo seu olhar observador. Nesse sentido concordo com Neis (1986:58-59) ao considerar que

a descrição, tornada linear pelo texto, pode corresponder exatamente à linearidade do processo de observação, da análise do objeto realizada pelo espírito do sujeito-enunciador, do descritor e, correspondentemente, do descritário. Em outras palavras, a descrição pode ser considerada como a verbalização de um processo linear de observação, de um olhar que se detém no objeto.

De fato, o que se nos apresenta na linearidade do texto é a codificação lingüística, a partir daí supõe-se que o seu produtor/enunciador esteja representando lingüisticamente as situações¹ descritas tal como percebidas por ele.

Portanto, em se tratando de descrição, pode-se pensar numa simultaneidade apenas provável entre a ordem da observação e a da disposição dos detalhes observados no texto escrito, porque não é possível garantir uma relação

*Professora e pesquisadora da Universidade Federal do Ceará, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

¹O termo **situação** é usado para dar conta de recortes narrativos ou descritivos e corresponde aproximadamente ao que Chafe (1980:29) denomina de centro de interesse (evidenciado por ele na fala), ou seja, uma entidade cognitiva que "carrega a semelhança de uma imagem mental, mas que freqüentemente inclui um conjunto de eventos direcionados a um fim".

isomórfica entre uma ordem e outra, já que ela fica a critério do observador-enunciador, especialmente quando se trata de descrições estáticas, definidas por Travaglia (1991) como “descrições de seres, coisas, paisagens, etc.”, em contraposição às “descrições de ações” (p.51), que o autor chama de dinâmicas e para as quais aceita “uma ordenação pelo tempo quando nela(s) se inserem pequenos trechos ou passagens narrativas” (p.160).

E não raro encontram-se afirmações mais ou menos categóricas sobre a questão dos gêneros que carecem de uma revisão de critérios. Por exemplo: a) “os fatos reproduzidos numa descrição são todos simultâneos, nesse tipo de texto não existe obviamente relação de anterioridade ou posterioridade entre os enunciados”; b) no texto narrativo “os episódios e os relatos estão organizados numa disposição tal que entre eles existe sempre uma relação de anterioridade ou de posterioridade (...) mesmo quando ela venha alterada na sua seqüência linear por uma razão ou por outra” (Fiorin e Savioli, 1990:289).

As noções que perpassam tais afirmações suscitam no mínimo duas questões: 1) Qual foi o critério aplicado para garantir a simultaneidade dos fatos na descrição se, na ordem linear do texto, existe uma relação de anterioridade e posterioridade tanto nas descrições quanto nas narrações? 2) Como se reproduzem no texto narrativo as ações/estados que ocorrem simultaneamente no tempo cronológico?

As respostas a estas e outras questões podem garantir a transparência dos critérios que norteiam a definição dos gêneros descritivo e narrativo. Por exemplo, se o momento da enunciação for adotado como parâmetro, descrever pode implicar relações de anterioridade e posterioridade e também de simultaneidade, tanto quanto narrar implica essas relações. E é nessa perspectiva que se coloca Travaglia (1991:50-1), dizendo: “na narração, é mais comum o tempo da enunciação ser posterior, menos freqüentemente simultâneo e mais raramente anterior, na descrição ele é mais freqüentemente posterior e simultâneo e mais raramente anterior”. E quanto ao texto narrativo, especialmente, também é preciso levar em conta que ele replica a simultaneidade dos fatos que ocorrem sobrepostos na cadeia temporal, não em relação ao tempo da enunciação e sim ao tempo real de ocorrência desses fatos, independentemente do enunciador.

Portanto, parece não restar dúvida de que a narração e a descrição têm um *status* diferenciado e o que se evidencia basicamente nessa distinção é o seguinte: a primeira configura-se essencialmente por sua organização temporal e por seu caráter dinâmico, admitindo-se que as ações ocorram mais freqüentemente nas narrativas, e a segunda por sua organização espacial e por um caráter estático, quer dizer, os estados descritos não se localizam no tempo cronológico.

E nesta altura das reflexões, fica patente a necessidade de pensar o fenômeno da cotemporalidade numa dimensão categorial que, em primeira instância, se define a partir de diferentes implicações de tempo cronológico nas

seguintes relações: 1) entre situação e tempo de fala; 2) entre ações/estados em diferentes combinações; entre situação e situação, ou, segundo Travaglia (1991:157), “entre duas ou mais cadeias de situações realizadas por diferentes sujeitos (personagens no caso da narração) dentro de um mesmo período de tempo”. As relações do segundo tipo se subcategorizam de acordo com a sua configuração no tempo, pois “a simultaneidade não exige que o tempo de duração de uma situação equivalha ao da(s) outra(s). (...) o normal é que a situação no perfectivo tenha uma duração que é vista como sendo apenas um momento ou parte da duração da situação no imperfectivo” (idem, p. 143).

Então, há no mínimo duas perspectivas segundo as quais se pode considerar tanto a seqüencialidade quanto a simultaneidade: uma, tomando por referência o momento da produção dos enunciados em relação ao que o enunciador descreve ou narra - e outra, a partir de quando e como as situações, envolvendo ações/estados, ocorrem no tempo cronológico, independentemente do enunciador. E é neste segundo enfoque que está centrada esta introdução ao estudo do fenômeno da cotemporalidade, o da simultaneidade de situações entre si no tempo real, o que parece só ocorrer de fato na narrativa. A descrição vai aparecer em geral como cenário ou como fundo e, como tal, simultânea às situações prototipicamente dinâmicas da narrativa.

Além disso procurei verificar em que níveis ou graus ocorre a cotemporalidade, partindo do pressuposto de que, entre situações ou entre ações/estados, a sobreposição no tempo pode ser total - sincronizada, ou parcial - com base na idéia de que uma situação ou ação/estado pode sobrepor-se apenas parcialmente a uma outra. Mira Mateus (1989:475) também admite esses dois níveis. Para a autora, “estados de coisas são simultâneos quando os dois têm lugar no mesmo intervalo de tempo (simultaneidade “pura”) ou quando um dos estados de coisas se realiza num intervalo de tempo incluso no intervalo de tempo do outro”.

E a exploração da cotemporalidade proposta neste estudo, com o objetivo de levantar algumas possibilidades de ocorrência, culmina com uma análise de como se dá a sua codificação no texto escrito, por meio de traços da categoria gramatical do verbo e outros marcadores lingüísticos, aproximando-se de um dos tipos de ordenação temporal apontados por Travaglia (1991:91): “a indicação da ordem cronológica de realização de situações no mundo real, ou seja, a ordenação no tempo referencial. O segundo tipo, “a ordem em que as situações se apresentam na linearidade do texto, ou seja, no tempo do texto” (id., ib.), não foi alvo deste estudo, pelo seu caráter introdutório, mas com certeza é a extensão que lhe falta para uma abordagem aprofundada que o assunto merece.

3. APORTE TEÓRICO

Esta pesquisa, em alguns aspectos, fundamenta-se teoricamente numa visão funcionalista de gramática, bus-

cando subsídios para o tratamento do fenômeno da cotemporalidade, especialmente na versão de Givón (1984, 1990, e 1993) no que diz respeito à categoria do verbo e seu sub-sistema gramatical TAM (*tense-aspect-modality*), privilegiando tempo e *aspecto* como traços gramaticais que estão na base da noção de cotemporalidade e da codificação lingüística do fenômeno na linearidade do texto.

O sub-sistema TAM é definido por Givón (1984: 269) como “um dos maiores dispositivos de codificar a conexão - ou coerência - de sentenças em seu contexto discursivo mais amplo” e se apresenta em feixes de traços em três domínios funcionais: semântico-lexical, semântico-proposicional e pragmático-discursivo, neste último com um papel crucial na seqüência de proposições no discurso e na codificação de figura e fundo.

A divisão nocional desse sistema reúne três componentes básicos, tempo, aspecto e modalidade, que representam três diferentes recortes em nossa experiência de tempo cronológico. Nesta pesquisa, considere apenas tempo e aspecto, como acima referidos, pelo seu envolvimento com as noções de precedência, subseqüência e cotemporalidade na cadeia do tempo e na linearidade do discurso.

O traço verbal **tempo** (correspondente a *tense* em Inglês) “envolve primeiramente - embora não exclusivamente - nossa experiência/conceito de tempo como pontos numa seqüência, e então as noções de **precedência** e **subseqüência**” (Givón, 1993:272). Portanto, fica estabelecido um eixo na cadeia temporal que é ponto de referência para uma posição relativa da anterioridade e da posterioridade e os tempos primários assumem as seguintes relações: presente - simultâneo ao tempo de fala, passado - anterior ao tempo de fala, e futuro - posterior ao tempo de fala.

O **aspecto** é o traço representativo da delimitação de período de tempo, isto é, inclui várias configurações de pontos de início, meio e fim, e apresenta dois componentes que contrastam na cadeia temporal, o **perfectivo** (‘completivo’) e o **imperfectivo** (‘incompletivo’), que “envolvem a delimitação terminal de ações, bem como a relação delas no eixo temporal” (idem, p. 276). A perfectividade, portanto, vista nessa perspectiva, é marcada pela completude e sua delimitação terminal localiza-se em algum tempo anterior ao eixo temporal, podendo haver, ou não, uma lacuna entre a completude do evento e o eixo temporal. A imperfectividade, por sua vez, é incompletiva e é percebida como contínua na linha do tempo.

Relativamente a esse traço verbal, para os fins deste estudo, considere especialmente que a sobreposição de ações/estados na cadeia temporal, total ou parcialmente, é codificada por diferentes combinações dos aspectos perfectivo e imperfectivo e pelo caráter aspectual particular de certos verbos, conforme foi possível constatar no exercício de análise que apresento a seguir.

4. ANÁLISE E CATEGORIZAÇÃO

A análise do fenômeno foi feita a partir de algumas sentenças levantadas ao acaso ou extraídas de outros estudos sobre temas afins, em busca das suas possibilidades de ocorrência e de como é codificado lingüisticamente. Para a categorização das situações selecionadas foram aplicados critérios de reconhecimento da cotemporalidade com apoio no conhecimento de mundo (esquemas, planos e *scripts* cognitivos). Esses critérios ou sinalizadores são os seguintes:

- a) tempo: presente, passado e futuro;
- b) aspecto: combinações de perfectivo e imperfectivo; caráter aspectual de certos verbos;
- c) traço de duratividade: -durativo (de menor duração) e +durativo (de maior duração);
- d) âncora: sinalizador nominal/adverbial que codifica ou complementa a codificação da cotemporalidade;
- e) configuração no tempo: sobreposição total ou parcial de ações/estados.

As categorias que resultaram da aplicação dos critérios acima compõem um grupo de três tipos de **cotemporalidade total** e cinco tipos de **cotemporalidade parcial** como segue:

I - Cotemporalidade Total (CTT) - Duas ações/estados ocorrem no mesmo intervalo de tempo.

CTTa - João **entrou** em casa no exato momento em que Maria **saiu**.

Tempo: passado

Aspecto: perfectivo e perfectivo

Duratividade: -durativo e -durativo

Âncora: ‘no exato momento em que’

Configuração no tempo: sobreposição total

Neste primeiro tipo de cotemporalidade total combinam-se dois verbos de aspecto perfectivo, contrariando a regra geral de que este aspecto é marca de seqüencialidade. Travaglia (1991:129-130), em seu princípio geral de ordenação, considera:

“(III) 1 - Dada uma seqüência de situações em um texto, duas situações contíguas na linearidade textual: (...) b) serão simultâneas, se o aspecto do verbo de pelo menos uma das orações ou frases que as expressam for imperfectivo.”

CTTb - Maria **jogou** paciência durante o tempo em que João **tomou** banho.

Tempo: passado

Aspecto: perfectivo e perfectivo

Duratividade: + durativo e +durativo

Âncora: ‘durante o tempo em que’

Configuração no tempo: sobreposição total

O que faz a diferença entre este segundo tipo de cotemporalidade total é que as ações expressas por 'tomar banho' e 'jogar paciência' têm um caráter aspectual de maior duração do que 'entrar' e 'sair' no primeiro tipo, além do que a presença de diferentes sinalizadores temporais adverbiais funcionam como âncoras que reforçam o traço distintivo de maior duratividade e, principalmente, garantem a cotemporalidade sincronizada das ações que constituem cada uma das situações.

CTTc - Enquanto João **estava** em casa, Maria **assistia** televisão.

Tempo: passado

Aspecto: imperfeito e imperfeito

Duratividade: +durativo e +durativo

Âncora: 'enquanto'

Configuração no tempo: sobreposição parcial

Adotando um critério mais largo de totalidade, aceitamos a sobreposição de dois imperfeitos como um terceiro tipo de cotemporalidade total, apesar da sua natureza incompletiva. No exemplo seguinte, uma âncora delimitando a duração das ações em outra sentença pode esclarecer esta tomada de decisão:

Durante uma hora, enquanto João tomava banho, Maria jogava paciência.

II - Cotemporalidade Parcial (CTP)

CTPa - Uma ação começa antes e se prolonga depois, e outra se sobrepõe momentaneamente em algum ponto do intervalo de tempo em que a primeira transcorre.

"Filomena **cozinava** quando Genivaldo **quebrou** o vaso chinês." (Godoi, 1992:231)

Tempo: passado

Aspecto: imperfeito e perfeito

Duratividade: +durativo e -durativo

Âncora: 'quando'

Configuração no tempo: sobreposição parcial momentânea

Neste tipo de cotemporalidade, segundo Godoi (p.232), "a situação que inclui a outra é uma atividade (ação) e a situação incluída é um *achievement*" (mudança abrupta de estado), caracterizando uma sobreposição parcial momentânea. E "quando" tem a propriedade de advérbio de inclusão, conforme Mira Mateus (1989:477). Eis outros exemplos para conferir:

"João estava limpando o quarto quando o telefone tocou." (Godoi, p. 185);

"Quando você entrou eu estava trabalhando." (idem, p. 201).

CTPb - Uma ação começa antes e se prolonga depois, e outra se sobrepõe durante algum tempo em que a primeira transcorre.

"Filomena **cozinava** quando Genivaldo **desenhou** o círculo no chão."

Tempo: passado

Aspecto: imperfeito e perfeito

Duratividade: +durativo e +durativo

Âncora: 'quando'

Configuração no tempo: sobreposição parcial prolongada

Segundo Godoi (p.232), neste caso, "a situação incluída é um *accomplishment*" (mudança gradual de estado), ou seja, a ação representada por "desenhou" é perfeita, mas o seu caráter aspectual é +durativo, caracterizando uma sobreposição parcial prolongada.

CTPc - Uma ação começa isoladamente, depois outra se sobrepõe momentaneamente e interrompe a primeira.

João **via** televisão quando a luz **apagou**.

Tempo: passado

Aspecto: imperfeito e perfeito

Duratividade: +durativo e -durativo

Âncora: 'quando'

Configuração no tempo: sobreposição parcial momentânea

CTPd - Um estado ou um cenário/fundo sobrepõe-se a duas ou mais ações.

João **brigou** com Maria e **saiu** de casa. A lua **brilhava** soberba. (Godoi, p. 177)

Tempo: passado

Aspecto: perfeito e imperfeito

Duratividade: -durativo e +durativo

Âncora: (não há)

Configuração no tempo: sobreposição parcial abrangente

Este tipo de cotemporalidade parcial é freqüente em textos mistos, isto é, narrativo-descritivos. Segundo Godoi (p.179), "sendo a relação entre as situações a de simultaneidade, a sentença estativa não poderá estar na forma perfeita", ou seja, um estado simultâneo a uma ou mais ações é obrigatoriamente imperfeito.

CTPe - Várias ações sobrepõem-se em bloco no mesmo intervalo de tempo, e outras sobrepõem-se ao conjunto delas em alguns pontos em intervalos menores.

"Quando *cheguei* em casa **era** grande a movimentação: mamãe, na cozinha, **preparava** delícias para a ceia, vovó e tia Lúcia **ajudavam-na**; papai, na sala, **enfeitava** a árvore para o que meus irmãos mais novos **davam** mil palpites. Tereza **escutava** música e **procurava** os discos de Natal. Raquel e o marido **arrumavam** a mesa. *Entre* na cozinha e *perguntei* a mamãe se podia fazer algo para ajudar." (Travaglia, p. 144)

Tempo: passado
Aspecto: perfectivo e imperfectivo
Duratividade: -durativo e +durativo
Âncora: 'quando'
Configuração no tempo: sobreposição parcial em bloco e múltipla

Este tipo de cotemporalidade é, na verdade, uma forma ampliada de representação do fenômeno que já foi contemplado em CTTa em que o perfectivo é de caráter -durativo e o imperfectivo que lhe serve de fundo é +durativo. Segundo Travaglia (1991:143), "em textos narrativos podemos ter seqüências em que as situações no pretérito imperfecto são simultâneas por terem aspecto imperfectivo e constituem um pano de fundo para acontecimento(s) no pretérito perfeito do indicativo".

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta introdução ao estudo da cotemporalidade permitiu vislumbrar algumas considerações à guisa de conclusão. Por exemplo, é um fato categórico que duas ações/estados cotemporais não ocorrem com dois tempos diferentes e podem ocorrer tanto no passado quanto no presente ou no futuro.

Por outro lado, não é uma verdade categórica que somente o **imperfectivo** marca a simultaneidade. As situações analisadas mostram que podem ocorrer dois perfectivos em sobreposição total (CTTa), bem como o caso mais comum de sobreposição de um imperfectivo a um perfectivo em vários tipos de cotemporalidade parcial. De qualquer forma, são sempre combinações de dois aspectos que codificam situações cotemporais. Além disso, imperfectivos podem codificar seqüencialidade em narrativas, por exemplo: "quando eu era criança, eu saía cedo para a escola, almoçava ao meio-dia, depois fazia as tarefas e só lá pelas quatro horas é que eu ia brincar". São vários imperfectivos que se sucedem no texto, dando a idéia de ações também sucessivas, seqüenciais.

A categorização à que se chegou no exercício de análise mostra, de maneira ainda bastante incipiente, que o fenômeno da cotemporalidade merece maior atenção e que a sua exploração não está definitivamente esgotada. A questão da **integração sintático-semântica** advogada por Givón, por exemplo, precisa ser investigada exaustivamente. Pressupõe-se que se possa elaborar uma escala de cotemporalidade e, automaticamente, uma escala de integração em que cotemporalidade máxima implicaria integração máxima. Porém é muito simplista associar a cotemporalidade maior ou menor a um grau de integração maior ou menor. Este é apenas um dos critérios para a integração, mesmo porque o próprio Givón considera também outros elementos de integração para a cotemporalidade e, visto que o fenômeno se dá em diferentes níveis, ora entre ações na mesma situação, ora entre ação e estado, ora entre

uma ação e toda uma situação de fundo, fica bastante problemático resolver caso a caso.

De acordo com princípios icônicos de proximidade e de ordem seqüencial e linear (Givón, 1990), a expectativa é que as situações sejam codificadas iconicamente mais próximas quanto mais integradas e na mesma ordem temporal de ocorrência, mas quando se trata de cotemporalidade total é preciso investigar que outros recursos lingüísticos dão conta de superar a linearidade do texto e, nos casos de cotemporalidade parcial, supõe-se que a tendência seja a de codificar primeiro a ação/estado que teve início antes. Por isso, todas as questões relativas aos princípios de iconicidade, que garantem a integração sintático-semântica das ações/estados no texto, merecem ser exploradas em desdobramentos deste estudo para se chegar a uma descrição mais precisa do fenômeno da cotemporalidade em sua codificação lingüística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAFE, W. The deployment of consciousness in the production of narratives. In: Wallace Chafe (ed.) *The pear stories: cognitive, cultural and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.
- COMRIE, B. *Aspect*. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- GIVÓN, T. *Syntax - a functional-tipological introduction*. Vol. I, Philadelphia: J. Benjamins, 1984.
- _____. *Syntax - a functional-tipological introduction*. Vol. II, Philadelphia: J. Benjamins, 1990.
- _____. *English grammar: a functional-based introduction*. Vol. I e II, Philadelphia: J. Benjamins, 1993.
- GODOI, Elena. *Aspectos do aspecto*. Campinas: UNICAMP, 1992. Tese de doutoramento.
- GORSKI, Edair D. *O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. Tese de Doutorado.
- HOPPER, P. Aspect and foregrounding in discourse. In: T. GIVÓN (ed.), *Syntax and semantics*, vol. 12, New York: Academic Press, 1979.
- LYONS, J. *Semantics*. Vol 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- FIORIN, J.L. e SAVIOLI, F.P. *Para entender o texto - leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1990.
- MIRA MATEUS, M.H. et alii. *Gramática da Língua Portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1989.
- NEIS, I.A. Elementos de tipologia do texto descritivo. In: Leonor L. Favero e M.S.Z. Paschoal (orgs.). *Linguística Textual: texto e leitura*. Serie Cadernos PUC 22, Sao Paulo: EDUC, 1986.
- TRAVAGLIA, L.C. *Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1991. Tese de Doutorado.